

O lugar só teve sua independência decretada em 2003. Habitantes cogitam realizar um plebiscito para mudar o nome da localidade, que pode ser rebatizada de Cidade JK

Nem tudo é fácil

GUSTAVO MARCONDES
DA EQUIPE DO CORREIO

Nunca foi fácil a vida dos moradores do Riacho Fundo II. Desde o primeiro loteamento, por volta de 1994, as dificuldades se mostraram claras. Mesmo assim, a certeza de que aquela seria a cidade em que viveriam os fez lutar pela regularização, primeiramente, e pelo desenvolvimento, nos anos seguintes. Hoje, os quase 35 mil cidadãos locais comemoram os 10 anos de fundação com o olhar para o futuro. Depois de resolvidas as questões básicas, como a própria autonomia em relação ao Riacho Fundo I, agora é tempo de promover o desenvolvimento econômico para trazer indústrias, empregos e lazer.

Os tempos mais difíceis aconteceram durante o parcelamento da cidade, em 1994 e 1995. Na época, os cerca de 17 mil habitantes lutaram muito para conseguir regularizar os lotes. As pendências aconteceram porque, na troca do governo em 1994, toda a burocracia para a consolidação da propriedade teve que ser refeita. Protestos e algumas invasões depois, o Riacho Fundo II finalmente tomou seu rumo a partir da segunda metade de década passada.

Apesar disso, a cidade ainda ficou totalmente dependente do Riacho Fundo I por alguns anos. Apenas em janeiro de 2001 é que o governo criou oficialmente a sub-administração regional do Riacho Fundo II. Era imprescindível à época descentralizar o atendimento à comunidade, que antes tinha que se deslocar à outra cidade para obter um atendimento de qualidade. A partir desse momento, a comunidade local passa a valorizar mais ainda sua cidade, independente de qualquer outra, cobrando melhorias e serviços para o contexto social e urbano local.

Em maio de 2003, oito anos depois do assentamento dos primeiros moradores, o Governo do Distrito Federal resolveu desmembrar definitivamente o Riacho Fundo II do I. Estava criada a vigésima primeira Região Administrativa do DF. Logo depois da oficialização da independência, entidades locais e moradores levantaram a idéia de se trocar o nome de Riacho Fundo II para Cidade JK, em homenagem ao idealizador de Brasília, que passou parte da época da

Monique Renne/Especial para o CB



AINDA FALTA INFRA-ESTRUTURA BÁSICA, CULTURA, DIVERSÃO E LAZER PARA QUE A CIDADE SE TORNE 100% DESENVOLVIDA

construção morando perto de onde hoje é a cidade. Lá está a Mesa JK, local onde o presidente Juscelino se reunia para almoço com a equipe de governo.

Mudança

Chegou-se a esboçar um plebiscito para definir a escolha oficial do novo nome, mas a idéia ainda não evoluiu. Mesmo assim, boa parte dos moradores ainda defende a mudança para que a cidade deixe, definitivamente, ser uma extensão do outro Riacho Fundo. Hoje é dividida em quadras industriais, norte e centrais. Os Conglomerados Urbanos de Brasília I e II (CAUB) também estão na região. De acordo com a administração regional, a renda familiar é da ordem de R\$ 543 com um razoável potencial de consumo. O comércio, ainda incipiente, é formado por microempresas, com predomi-

nância do comércio de gêneros alimentícios, materiais de construção e economia informal.

De acordo com a Emater, a produção agrícola do Riacho Fundo II é bem diversificada, principalmente para uma área onde aproximadamente 95% da população é urbana. Destaque para as produções de milho, pimentão, cana-de-açúcar e hortaliças.

Os moradores pedem por mais opções de lazer e cultura. Não existem praças, cinemas e teatro. Na área esportiva, as únicas opções de lazer são os campos de futebol de terra que espalham pela cidade. Mesmo assim, o Riacho Fundo II já tem motivos para ter orgulho de sua história. Na fazenda da Embrapa foi desenvolvido o primeiro clone da América Latina, a bezerriinha Glória, no dia 19 de setembro de 2004. Um marco histórico para o Brasil e a cidade.